

Por falar em justiça...¹

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Universidade de Aveiro

Ex.^{mos} Senhores Conferencistas

Caros Colegas

Queridos alunos

Quero, em primeiro lugar, deixar uma saudação amiga a todos os presentes neste início do congresso *Vt par delicto sit poena: crime e justiça na Antiguidade* que é, em simultâneo o VI Colóquio Clássico realizado na Universidade de Aveiro. Bem longe estamos do grande número de participantes dos congressos iniciais, mas, em tempos de crise, reunir este grupo de pessoas em ano de muitos congressos é motivo para nos darmos por satisfeitos.

Embora o título, que inclui uma citação de Ovídio², pudesse ser interpretado de forma muito mais abrangente, vamos centrar a maior parte das comunicações na literatura grego-latina, ainda que, em alguns casos, haja algumas incursões pela área do direito. Tentámos que a temática das diversas comunicações percorresse várias etapas quer da literatura grega e da literatura latina e que avançasse também até à Idade Média.

Escolhemos para conferencistas um leque variado de personalidades que vêm quer da nossa vizinha Espanha (neste caso, vizinhanças muito próximas já que são de Salamanca e de Cáceres — o que nos permitiu concretizar um sonho antigo de estabelecer contactos frutuozos com as universidades que estão mais perto de nós do outro lado da fronteira), mas também da América do Sul, através de representantes do Brasil e da Argentina (ainda que via Paris) e ainda

¹ Texto proferido na sessão de abertura do congresso na qualidade de Presidente da Comissão Organizadora.

² *Tristia*, 2.1.578

com colegas das Universidades de Coimbra, Lisboa, Minho e, como é lógico, da nossa Universidade de Aveiro.

Tivemos também a preocupação de convidar uma mistura ambiciosa de investigadores *seniores* — para, de algum modo, nos transmitirem os seus saberes como se de um *mos maiorum* se tratasse — com outros investigadores *iuniores*, uns que ainda se encontram a preparar as suas teses de doutoramento e outros que já as realizaram, mas há relativamente pouco tempo. Procurámos, assim, beneficiar da sabedoria já solidificada por muitos anos de trabalho e da força de investigação dos mais novos.

Estamos a realizar este congresso na Universidade de Aveiro numa altura em que a nossa universidade se prepara para celebrar o seu trigésimo segundo aniversário. É, pois, com alegria festiva que esta jovem e dinâmica universidade recebe não apenas aqueles que a ela pertencem ou pertenceram, mas sobretudo todos aqueles que vêm de outras universidades.

Mas se a Universidade de Aveiro vos recebe a todos de forma festiva, a área de Estudos Clássicos de Departamento de Línguas e Culturas desta mesma Universidade está bastante apreensiva quanto ao futuro que a espera.

De facto, somos uma Universidade nova onde, ao longo dos últimos anos, o pequeno grupo de estudos clássicos (neste momento somos apenas sete docentes e temos nove doutorandos de fora da Universidade a trabalhar connosco na investigação) tem vindo — com algum orgulho, diga-se de passagem — a tentar pôr a Universidade de Aveiro no mapa dos Estudos Clássicos (para usar uma expressão do nosso amigo Jacyntho Lins Brandão que deveria estar aqui hoje connosco se não tivesse estado, por estes dias, a travar uma batalha importante na eleição para Reitor da Universidade Federal de Belo Horizonte, no Brasil, a que pertence). Para isso, para além do esforço dispendido no curso de licenciatura e nas várias edições do nosso mestrado, temos vindo a organizar congressos de estudos clássicos de dois em dois anos, sempre com a publicação imediata das Actas, temos vindo a publicar, com pontualidade britânica, a nossa revista anual *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* e temos mantido constantemente actualizada a nossa página na internet, disponibilizando para todo o mundo os textos que vamos publicando de tal modo que o nosso sítio já está disponível em várias páginas de estudos clássicos espalhadas pelo mundo.

Contudo, graças a uma política de ensino que parece só ver o imediato e o que dá lucro e que tem insistido, ao longo dos últimos anos, numa marginalização dos estudos humanísticos, nomeadamente os que conduzem à formação de professores, corremos o sério risco de vir a desaparecer por falta de alunos com a agravante de os próprios estudos do Ministério da Educação dizerem que, dentro de quatro/cinco anos, já serão necessários professores para as áreas disciplinares de Português, Latim e Grego. Esperemos que esta política, continuada ao longo de vários anos, não venha a ter como consequência a falta prolongada de professores de algumas disciplinas como já acontece em outros países e como aconteceu, de forma dramática, em Portugal, na segunda metade da década de setenta do século passado.

Bem sei que, em Portugal, os estudos clássicos tem vivido, ao longo das últimas décadas, um pouco como as marés: umas vezes está preia-mar e deparamo-nos com uma grande abundância de estudantes e outras está baixa-mar e os estudantes quase se contam pelos dedos no país inteiro. O problema é que, pelos vistos, a baix-mar se está a prolongar no tempo e as águas do mar se encontram a recuar cada vez mais, mas isso talvez seja influência do último ano de seca que afectou todo o país. Esperemos que a chuva dos últimos tempos possa ser sinal de mudança.

São, pois, razões fortes para nos deixarem apreensivos, embora mantenhamos a secreta esperança de melhores dias. Esta nossa esperança está ancorada em reacções recentes do Departamento de Línguas e Culturas que, quando se encontrava em situação de profundo crise, soube encontrar soluções concretas e interessantes, quer para o Departamento quer para os alunos que o frequentam. Esperamos, contudo, que alguns guardiões de supostas torres de marfim, não impossibilitem o nosso trabalho e os nossos esforços através da insistência em medidas administrativas que nos deixem de pés e mãos amarrados e sem possibilidade de lutar contra a maré. De facto, estes guardiões parecem não se dar conta de que as torres, quando existem, já não são de marfim — não sei se alguma vez o foram — e, além disso, os nossos estudos já não se podem confinar a muralhas de torres, por muito belas e antigas que sejam, mas têm de se inserir forçosamente na actualidade, dando-lhes, é certo, a visão de continuidade cultural que os estudos clássicos tão bem simbolizam. Assim, se nos deixarem, não será por inércia da nossa parte que os estudos clássicos morrerão, já que estamos dispostos a lutar contra ventos e marés.

Deixemo-nos, porém, de lamúrias e avancemos para a concretização de mais um contributo para esta sociedade do conhecimento de que fazem parte integrante os temas clássicos através da realização deste congresso.

Antes de terminar, gostaria de fazer, por uma questão de justiça, alguns agradecimentos. Em primeiro lugar e acima de tudo, a todos os conferencistas que, a troco de quase nada, aceitaram vir partilhar connosco os seus conhecimentos dispondo-se também a deixarem-nos os seus textos para, ainda este ano, eles virem a lume em livro. Sem os conferencistas — não me cansarei de o dizer — este congresso não existiria e, por isso, são eles os credores dos nossos maiores agradecimentos.

Não posso esquecer também os alunos que nos estão a apoiar no secretariado — a Rozália Nathaly, a Isabel Regina, a Alexandra Sofia e o Ricardo — bem como todas as funcionárias do Departamento de Línguas e Culturas que têm sido inextinguíveis para que tudo corra bem.

Aos meus colegas da área de Estudos Clássicos agradeço o trabalho em conjunto, as sugestões, as discussões que levaram a este congresso, o trabalho que realizaram.

Agradeço ainda à Fundação para a Ciência e Tecnologia a concessão de um subsídio, ao restaurante ‘Ceboleiros’ as facilidades concedidas na alimentação, ao Centro de Línguas e Culturas, pelo resto de financiamento e ao Departamento de Línguas e Culturas pelas facilidades concedidas e pela cedência de instalações.

Resta-me desejar a todos dois dias de trabalho intenso e frutífero e uma ótima estada na Universidade de Aveiro.

Muito Obrigado.